

Apenas 3 anos de democracia

É difícil crer, mas Brasília, a Capital da República, com 25 anos de existência, comemorou seu aniversário sob a égide de regimes democráticos apenas três vezes, desde sua inauguração: em 1961, 1962 e 1963. E, logo agora, no alvorecer da Nova República, quando a cidade comemora seu jubileu de prata, e a festa deveria refletir a grandiosidade do retorno do País à democracia juntamente com o amadurecimento e consolidação como capital-cidade, as festividades estarão restritas ao mínimo possível devido a doença (ou morte) do presidente Tancredo Neves. São coisas do destino.

Em abril de 1961 comemorou-se em grande estilo, o primeiro aniversário da Capital Federal, sobretudo dado ao esforço dos pioneiros que conseguiram erguer este verdadeiro monumento em meio ao cerrado do Planalto Central, sob o comando do então presidente Juscelino Kubitschek. No Congresso Nacional, o evento foi ressaltado em sessão solene, presidida pelo vice-presidente do senado, Moura Andrade, e o deputado Aderbal Jurema — hoje senador, afirmava da tribuna que, naquela ocasião, comemorava-se "duas idades da Nação brasileira: a da juventude e a da maturidade".

Num discurso inflamado, Jurema assinalou que se reverenciava a juventude ao comemorarmos o primeiro aniversário de Brasília, o primeiro de sua existência legal, e o da maturidade, ao evocarmos "com sagrada unção, o gesto histórico dos Inconfidentes". E lembrou que as duas efemérides estavam marcadas pelo mesmo destino de pioneirismo, que, de

certa forma, pouco diferenciava os desbravadores de Ouro Preto dos pioneiros de Brasília.

Na confluência do ideal de Ouro Preto e os construtores de Brasília, a mesma coragem, o mesmo arrojo, e a determinação dos brasileiros que não conhecem o temor, frisava o então deputado pernambucano.

Nas ruas da poeirante cidade de Brasília, onde o barro vermelho era a marca indelével que circulava, inclusive, no sangue de todos os seus habitantes à época, Brasília comemorou o primeiro ano de vida. Sob os olhos dos incrédulos, surgia a cidade que hoje é o orgulho de todos os brasileiros. Naquele ano, na Capital, começava a ser gerada a mais grave crise política da história com a renúncia de Jânio Quadros, e que culminou na Revolução de 31 de março de 1964 e o País entrava na longa noite do arbitrio.

Já em 1962, a cidade apresentava um nível melhor de organização e funcionalidade, tanto que as comemorações foram mais extensas e planejadas, muito embora, naquele ano, o dia 21 de abril caisse no final da Semana Santa, e a cidade esvaziara-se. Mas, não por isso, os festejos deixaram de acontecer. Havia assumido o Poder o ex-presidente João Goulart, o Jango, e dirigia Brasília o então prefeito Sette Câmara.

A época, inclusive, foi constituída uma comissão de comemoração comandada por Silvio Pedrosa. Além da inauguração de várias obras e serviços de fundamental importância para a vida da cidade, houve torneios esportivos e até uma imponente parada militar, com a participação da Banda de Fuzileiros Navais, sem falar dos shows

populares e bailes muito concorridos.

Naquele dia, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, executor maior da transferência e construção da nova Capital, mandava uma mensagem aos brasilienses cuja tônica poderia ser aplicada aos dias políticos de hoje, sem que se mudasse uma vírgula.

"De Brasília deverá ser tomada a marcha pela restituição da dignidade e da plenitude da democracia. De Brasília deverá ser reafirmada a toda a Nação da necessidade de ser continuada a luta pelo desenvolvimento que é a própria luta pela independência do Brasil..."

Em 1963, um ano antes da chamada "Redentora", as comemorações do terceiro aniversário da Cidade também não ficaram atrás das do ano anterior. Todas as solenidades foram prestigiadas pelo ex-presidente João Goulart, e pelo então prefeito Ivo de Magalhães, e não faltaram bailes concorridos e até um coquetel descontraído oferecido por Jango naquela esplendorosa tarde colorida com um poente excepcional em plenos jardins do Palácio da Alvorada.

Ao que tudo indica, foi em 63 que os festejos tiveram uma certa preocupação com produções culturais e, nesse sentido, foram atraídas as maiores e melhores salas de espetáculos da Capital. Na UnB, o auditório Dois Candangos recebeu a presença do presidente Goulart que prestigiou uma reunião de intelectuais daquela época, enquanto isso, no auditório da Escola-Parque acontecia uma apresentação do célebre ator Sérgio Cardoso, que apresentou uma histórica "antologia poética", de Gregório de Mattos Guerra até Vinícius de Moraes.



Tancredo, na pose solicitada pela imprensa, contempla a Esplanada, o cenário político, que ele considerava sua "sala de visitas"



João Goulart, no ano véspera de sua queda, no Dia da Bandeira, em Brasília

A ausência de Tancredo

Neste 21 de abril, por força das circunstâncias, Brasília terá de soltar em baixo som seu grito de felicidade por completar 25 anos de idade. A Nação inteira comove-se com a imagem do presidente eleito Tancredo Neves, o homem que conseguiu devolver ao País o regime democrático. Sem dúvida, gozando de boa saúde, como fez João Goulart em 1963, Tancredo faria questão de prestigiar os festejos deste ano na cidade, a qual sempre tratou de "minha sala de visitas".

Muito perto de chegar a plena maturidade por estar mais perto do que nunca sua representatividade política através da eleição de três senadores e oito deputados, as comemorações em Brasília, se a situação fosse ou-

tra, certamente refletiriam o clima de euforia que cerca seus habitantes, principalmente os mais antigos, por perceberem as novas perspectivas que se abrem agora para o futuro da cidade.

Mas, mesmo sem Tancredo Neves, Brasília haverá de cumprir seu destino de Capital da República, hoje a sede do sofrimento de 120 milhões de brasileiros angustiados com o estado de saúde do presidente eleito. A cidade, desta vez, vai guardar para o próximo ano os festejos de sua consolidação e, quem sabe, poderá também comemorar sua emancipação definitiva com a desejada representação política. Brasília, sem sombra de dúvida, cumprirá o histórico papel de ser, sobretudo agora, a Capital da Nova República.